



# PATRIMÔNIO KAIKGANG, GUARANI NHANDEWA E TERENA (SP): co-musealização, co-ensino, co-pesquisa e a construção de discursos museológicos na universidade

*KAINGANG, GUARANI NHANDEWA E TERENA (SP):  
co-musealization, co-teaching, co-research and the  
construction of museological discourses at the university*

**Marília Xavier Cury**

Museu de Arqueologia e Etnologia,  
Universidade de São Paulo (MAE-USP) - São Paulo, Brasil  
Professora Associada no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MAE)  
e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (USP)  
maxavier@usp.br  
orcid: 0000-0002-4661-9525



## RESUMO

Este artigo discute o conceito de curadoria e o processo de musealização de musealia indígenas no museu universitário. Ao questionar ideias de curadoria como processo fechado e sequencial, também se questiona a pesquisa, o ensino e a extensão como etapas separadas. Pelo método da colaboração, neste artigo defendem-se as relações dialógicas que ampliam a ideia de curadoria e de curador, da mesma forma que se propõe um tripé universitário que respeite as contribuições indígenas, para uma co-musealização.

**Palavras-chave:** Museu Universitário, Curadoria, Protagonismo Indígena, Colaboração em Museu, Comunicação Museológica.

## ABSTRACT

This article discusses the concept of curatorship and the process of musealization of Indigenous musealia in a university museum. When questioning curatorship ideas as a closed and sequential process, we also question research, teaching, and extension as separate steps. Through the method of collaboration, this article defends dialogic relationships that expand the idea of curatorship and a curator while proposing a university tripod that respects Indigenous contributions toward a co-musealization.

**Keywords:** University Museum, Curatorship, Indigenous Protagonism, Collaboration in Museums, Museological Communication.

## Introdução

Na USP, como em outras universidades brasileiras e internacionais, os museus assumem um papel importante e inconfundível na estrutura universitária. É o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) que ora trazemos para contribuir com a discussão sobre patrimônio museológico universitário e conexões com comunidades.

No MAE-USP praticamos o tripé universitário entre ensino, pesquisa e extensão pelas três áreas que compõem a instituição – arqueologia, etnologia e museologia. Dessa forma, no MAE são oferecidas disciplinas de graduação e orientações em pós-graduação, e desenvolvidas pesquisas, além da realização da comunicação museal por meio de exposições, ações de educação museal e/ou de educação patrimonial.

A ideia de tripé pressupõe um equilíbrio, como uma interação. No museu universitário, outro pressuposto é a curadoria como parte substancial da musealização. Se há diferentes concepções de curadoria, a referência do MAE-USP está no conjunto de ações em torno dos objetos museológicos – *musealia* –, considerando-se um ciclo, várias ações e uma diversidade de contribuições, seja de campos distintos, seja de especializações na práxis museográfica. Nesse sentido, todos os profissionais que movem o ciclo, e são muitos, são curadores, sublinhando que a curadoria é um processo de interação entre agentes ativos, profissionais, que participam na contínua construção da musealidade (Cury, 2020) — as interpretações, sentidos e ressignificações sobre os *musealia*.

Romper com ideias hegemônicas que perpetuam sobre o que é curadoria e quem é o curador é um trabalho constante e cotidiano que questiona e derruba concepções da curadoria (ou processo museológico) como uma sequência fechada, um ponto inicial que segue a um ponto final, com possíveis reações e retroalimentações, para ajustes num esquema artifical, fixo e mecânico na analogia com uma cadeia. Tal ideia pode estar ancorada na musealização. No verbete musealização, Desvallées e Mairesse (2013) explicam em que consiste o processo, numa concepção inicial e sequencial fechada, a qual podemos questionar:

A musealização começa com uma etapa de separação (Malraux, 1951) ou de suspensão (Déotte, 1986): os objetos ou as coisas (objetos autênticos) são separados de seu contexto de origem para serem estudados como documentos representativos da realidade que eles constituíam. Um objeto de museu não é mais um objeto destinado a ser utilizado ou trocado, mas transmite um testemunho autêntico sobre a realidade. (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57)

Para tornar a questão museológica ainda mais complexa, no museu universitário, participam da curadoria cada vez mais, como direito à musealização, outros atores, grupos, coletivos e segmentações sociais, como sujeitos ativos no controle de suas narrativas históricas, construção de memórias, reafirmação identitária, tendo em atenção seus patrimônios. Dessa forma, são muitos os curadores possíveis por direito nos museus, o que se reforça nos princípios democráticos da participação fortemente orientados na Política Nacional de Museus (PNM, Brasil, 2003) e a Lei 11.904 que Institui o Estatuto de Museus (Brasil, 2009). O museu e a musealização, então, sustentam-se na diversidade e na ampla participação, que se dá de muitas formas e por distintas estratégias.

Este artigo tem em consideração uma forma específica de participação pelos legítimos herdeiros dos *musealia* outrora retirados de seus lugares culturais e sociais para a musealização. Esses *musealia* compõem coleções carregadas de camadas de musealidade, a come-

çar pelos contextos de coleta, muitas vezes envolvendo processos violentos e de violações, seguindo pela descontextualização e fetichização dos objetos e coleções (Deliss, 2015), para os quais a curadoria de exposições contribuiu e continua alimentando. Nesse sentido, há de se considerar, como curadores, porque participam da musealidade (Cury, 2020, p. 139-140):

1. Os profissionais de museu – todos os envolvidos: arqueólogos, antropólogos, museólogos, educadores, conservadores, documentalistas, arquitetos etc.
2. Os visitantes do museu.
3. Os *constituents* – de quem se fala no museu, os integrantes das culturas relacionadas ao museu. Neste texto, os povos originários no Brasil.
4. Os encantados que, desde a espiritualidade indígena, fazem suas contribuições, especialmente por meio dos pajés (Cury, 2019a, Cury, 2018, Cury, 2017b).

Por partes, a começar pelos públicos visitantes de museu, parece-nos que os públicos de museu estão na comunicação museal, seu lugar legítimo. De fato estão, mas o trabalho interpretativo dos públicos é uma elaboração de curadoria. Mas os públicos são curadores também quando ações de colaboração são desenvolvidas com equipes museais, muitas vezes os educadores. Pode parecer que os públicos e os educadores museais em trabalhos de curadoria colaborativa estão circunscritos à comunicação museal, mas não estão (Cury, 2021), pois a curadoria não se constitui em lugar fechado e fixo; é um processo de interações e de reposicionamentos, sem perda de especificidade — o que é necessário ser feito —, ou de especialidades profissionais —, quem está formado para fazer. No exemplo do educador, ele interpreta coleções, mas pode gerar informações para a documentação, desenvolver exposições e cuidar também dos objetos no exercício da educação museal, na relação com outros profissionais e os públicos, constituindo os discursos educacionais elaborados na relação dialógica, que, por sua vez, produzem conhecimento educacional e museológico (Cury, 2021).

Mas este artigo, contextualizado no MAE-USP, está baseado na participação indígena. Se os indígenas podem ser parte dos públicos visitantes, podem também ser curadores das coleções de objetos de seus antepassados e de exposições autonarrativas, sempre acompanhados por aqueles que participam desde a encantaria. Se a curadoria se coloca especialmente neste artigo, o tripé pesquisa-ensino-extensão não é negligenciado, pois é perpassado pela participação indígena no ambiente museal universitário, como pela participação dos distintos profissionais na relação colaborativa com os grupos indígenas.

Escrevemos este artigo pelo olhar da museologia, que se estrutura na comunicação museológica, subárea de museologia, particularmente no que se refere à teoria para a área, ou Metamuseologia (Cury, 2020). Nesse sentido, curadoria e estrutura universitária associam-se para uma discussão que contribua com visões mais dinâmicas e plurais sobre o trabalho em museu, não restringindo as atuações profissionais a hierarquias hegemônicas, considerando-se a participação de indígenas e seus patrimônios musealizados. A participação de um – profissionais de museus – está ligada à do outro – indígenas –, ou seja, estamos falando de mudanças no pensamento museológico, antropológico, arqueológico etc.; na museografia e, em consequência, uma contribuição à universidade a partir de um museu. Poderia parecer pretensão se não houvesse trabalho, mas há, conforme panorama de museus universitários

apresentado (Cury, 2017), e na interdisciplinaridade entre museologia e educação (Silva; Carneiro, 2021), antropologia (López Garcés; Karipuna, 2021, Pérez Gil, 2021) e conservação (Lima; Silva, 2021; Vasconcelos, Granato, 2021), para citar alguns exemplos. Este artigo traz outro exemplo de um projeto de colaboração a largo prazo<sup>1</sup> com povos indígenas que intervém positivamente na lógica museológica e museal.

Os protagonistas indígenas do processo em discussão são os Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena, residentes nas Terras Indígenas (TI) Araribá (Avaí), Icatu (Braúna) e Vanuíre (Arco-Íris), Estado de São Paulo, de onde foram formadas coleções, hoje sob a guarda do MAE-USP. O direito de saber sobre seus patrimônios no museu e de acesso a essas coleções promoveu o processo expográfico e educacional: Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena<sup>2</sup>.

Apesar dos acervos museológicos universitários servirem à pesquisa, ao ensino e à extensão, parece que os *musealia* em exposição ou a exposição com *musealia* enquadra-se na extensão universitária, como a expografia é tratada como produção, lugar muitas vezes ocupado por museólogos, distante de outros lugares com maior *status* atribuído. Para o projeto Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena, por ser uma exposição e ação de educação, poderia ser visto restritamente como de extensão; para uma exposição, poderia haver um curador que se relacionaria com os grupos na relação pesquisador-informante; ou os educadores poderiam ser considerados no fim da elaboração da exposição, como o museólogo poderia ser introduzido na organização e na produção executiva da exposição.

É válido o questionamento: se a universidade se organiza na pesquisa, no ensino e na extensão, como dar o mesmo valor a cada atividade? Outra questão: quanto e como uma ação baseada na comunicação museológica, numa exposição e ação de educação, alcança uma transversalidade tanto na curadoria, como exposto, mas também na pesquisa e no ensino universitário?

Essas e outras questões são tratadas neste artigo que tem por objetivo contribuir com uma discussão sobre como os museus universitários podem se reformular constantemente, com a participação indígena na curadoria e na integração da pesquisa com o ensino e a extensão no processo de musealização.

## **Patrimônios Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena (SP), Curadoria Colaborativa e a Co-Musealização**

Os grupos Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena (SP), cujo protagonismo é respeitado neste artigo, colocaram-nos alguns pontos sobre a relação com pesquisas e pesquisadores de diferentes áreas – museologia, educação, antropologia, arqueologia e outras – e com a mídia jornalística. Em relação à academia, as queixas são sobre a falta de retorno dos pesquisadores, o incômodo entre o que disseram e o que foi escrito na pesquisa, a abordagem na coleta de dados, o desconhecimento sobre o destino dos seus patrimônios musealizados, para citar alguns exemplos. As mídias, por outro lado, reforçam a visão dos indígenas no passado, escamoteando as realidades no presente e a vida cotidiana. No convívio colaborativo com esses grupos desde 2010, que se dá sempre pela comunicação museológica,

<sup>1</sup> Início em 2010, em parceria com o Museu Índia Vanuíre, SP, e de convênio entre esse museu e o MAE-USP, com a coordenação de Marília Xavier Cury. Sobre ações entre os dois museus e povos indígenas do oeste paulista, ver Cury, 2016.

<sup>2</sup> Exposição aberta em março de 2019, temporariamente fechada devido à pandemia do coronavírus.

poder-se-ia acrescentar o preconceito, os estereótipos e as generalizações difundidos em muitas esferas sociais, mas também no cotidiano, com as populações das cidades e regiões onde os grupos indígenas vivem, no caso Kaingang, há cerca de um milênio, e no caso dos Guarani Nhandewa e Terena, há mais de um século.

A ação Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena foi mais uma estratégia de trabalho eficaz, pois era, e ainda é, do interesse político dos grupos indígenas a quebra do preconceito e o alcance do respeito que merecem. O convite para participarem num processo expográfico foi aceito, ou seja, a visibilidade em um museu universitário, o MAE-USP, no *campus* da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. No início das discussões, outras questões surgiram, somando-se aos pontos já relacionados. O primeiro, que os indígenas reivindicam falar por si; então a autonarrativa seria uma das características do projeto. O segundo, que os indígenas são pesquisadores de suas próprias culturas, e no MAE-USP atuam como curadores das coleções, da exposição e da ação de educação. O terceiro, falar da realidade indígena hoje, seus problemas, como vivem e transmitem suas culturas na relação entre gerações. Além disso, posicionarem-se, uma vez que são, como afirmaram muitas vezes, esquecidos como indígenas no interior do Estado de São Paulo – “Ninguém quer saber de nós” e “Eu estou aqui”, desabafo que saiu da boca do ancião Cândido Mariano Elias, Terena morador na TI Icatu, quando discutíamos os objetivos da exposição e da ação de educação.

A pesquisa museológica que envolve os Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena se organiza no método da colaboração. No MAE-USP, foi a primeira vez que a metodologia foi aplicada como estratégia de comunicação museal, envolvendo indígenas e as equipes de profissionais – oportunidade de trabalho conjunto em todas as etapas de elaboração expográfica e educacional – com a pesquisadora responsável e coordenadora geral, tendo havido a coordenação técnica dos diversos setores que se ocupam da curadoria<sup>3</sup>. Os trabalhos foram conduzidos para o contato direto entre os Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena e os profissionais do MAE-USP, inicialmente com os profissionais da expografia e da educação, para conhecerem as realidades dos grupos nas terras indígenas, mas também suas lógicas, reivindicações, sentimentos, o que os ameaça, pelo que lutam para seus direitos constitucionais. As principais definições para a organização da exposição e da ação de educação foram tomadas nas terras indígenas e nos dois encontros gerais com todos os participantes. Mas os encontros entre indígenas e profissionais se deram também no MAE-USP, quando conheceram o funcionamento da instituição, para saberem onde estão e com quem estão, respondendo a outra questão indígena na relação com equipes de não indígenas – “Quem é você?”. Em suma, o MAE-USP e seus profissionais se apresentando.

No MAE-USP também aconteceu a requalificação das coleções, processo de curadoria denominado como estudo de coleções. As coleções foram requalificadas individualmente pelos grupos, recontextualizando-as, reinterpretando-as, ressignificando-as e com sentidos no presente, com base nos antepassados, projetando-se para as gerações futuras. As autonarrativas foram estruturando-se nas terras indígenas; após a requalificação das coleções, os obje-

<sup>3</sup> Pesquisadora responsável e coordenadora: Marilia Xavier Cury. Coordenação técnica: Carla Gibertoni Carneiro. Coordenação do setor de educação: Maurício André da Silva. Coordenação do setor de expografia: Viviane Wermelinger Guimarães. Coordenação do setor de conservação: Carolina Delgado Vieira. Coordenação do setor de documentação: Francisca Aida Barboza Figols. Coordenação dos laboratórios: Célia Maria Cristina Demartini. Sobre o detalhamento do projeto, ver Cury, 2019.

tos a serem expostos foram escolhidos e suas etiquetas (conteúdo escrito) foram preparadas, ora com as contribuições registradas no MAE-USP, ora nas terras indígenas, incorporando informações. No MAE-USP, a interação entre indígenas e profissionais se ampliou quando o convívio foi possível com os diversos setores do museu e a maioria de seus profissionais.

A integração entre exposição e ação de educação foi a estratégia concreta para a comunicação museológica com suas bases teórico-metodológicas, em associação com a colaboração. Um dos fatores da eficácia do processo foi a possibilidade de visibilidade para os grupos indígenas, atingidos e diminuídos constantemente pelo apagamento de suas histórias, pelo ocultamento de suas contribuições às identidades nacionais e presenças nos territórios, pelo silenciamento de suas vozes e pelo assédio moral no preconceito. A museologia e a museologia indígena podem reverter esse processo histórico brasileiro e paulista por meio dos museus públicos (federais, estaduais e municipais) e dos museus indígenas. Visibilidade como direito, visibilidade para a conquista de direitos (Pérez Gil, 2021).

A colaboração, trabalho conjunto entre profissionais e indígenas, permite o exercício de deslocamento das forças na tomada de decisão no museu e na comunicação museológica. Nesse sentido, mexendo com hegemonias sociais presentes no museu, muitas vezes estruturadas nas disciplinas, o processo colaborativo tem como pressuposto a co-pesquisa e a co-aprendizagem (Colwell; Lopes, 2020).

Na colaboração implementada no MAE-USP, com base na comunicação museológica, a pesquisa é feita com os Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena e os profissionais, numa relação dialógica. A pesquisa esteve/está presente em momentos diluídos, ainda assim identificáveis, nas terras indígenas, nas reuniões conjuntas com todos os grupos indígenas e os profissionais do MAE-USP, nos desenhos expográficos e educacionais, nos trabalhos de conservação e de documentação. Mas a pesquisa está fortemente enraizada na curadoria da exposição e da ação de educação, quando os discursos manifestam-se nas narrativas trazidas pelos indígenas, mas incorporadas pela equipe do MAE-USP como forma de reconhecimento do protagonismo indígena no controle de suas histórias, memórias, lutas por direitos, inclusive pelos seus patrimônios musealizados e à musealização. Para tanto, a requalificação das coleções foi um momento de grande concentração discursiva, quando os grupos estiveram com os objetos de seus ancestrais, integrando passado, presente e futuro, com grande emoção, sentimentos profundos, irrestrito respeito aos antigos, atenção aos valores da espiritualidade e reverência aos encantados presentes como curadores-chefe. A equipe do MAE-USP pôde vivenciar esses momentos e a expectativa é que cada setor transponha os discursos indígenas em discursos museológicos na interculturalidade. Referimo-nos a outras curadorias a serem integradas ao sistema museológico institucional, de forma a estruturarmos uma co-musealização.

Em outras palavras, os museus educam, e o museu se educa (Cury, 2016), ou seja, na reflexividade (Cury, 2020) entre a teoria museológica e da comunicação museológica e a museografia, a função educacional do museu orienta-se aos públicos visitantes que buscam aprendizagens culturais, mas há de se considerar ainda o quanto nós, profissionais de museu, estamos abertos a novas pautas, abrindo-nos para aprendizagens em consonância com a interculturalidade no museu. Se valorizamos o protagonismo indígena no museu, se implementamos a colaboração e o estar juntos, se defendemos a interculturalidade, devemos ir além, estruturando a co-musealização, superando ultrapassadas, mas hegemônicas, estruturas museais.

Podemos reforçar a vocação do museu universitário por “estabelecer relação dialógica com o público em geral, para além da comunidade acadêmica, no que os museus têm papel de destaque e mesmo se poderia afirmar que seriam, por excelência, os locais privilegiados de interface com a sociedade.” (Granato; Ribeiro; Abalada, 2020, p. 27)

Podemos ainda, sem prejuízo aos argumentos expostos neste artigo, exemplificar que, no tripé universitário, no MAE-UFPR “... como o aspecto extensionista, mais concretamente, muda ao longo do tempo, de uma concepção baseada na externalização do conhecimento para outra em que vai tomando cada vez mais peso a ideia de diálogo entre modos de ver, de saber e de fazer.” (Pérez Gil; Portela; Freire, 2021, p. 251).

Em síntese, temos entre os museus universitários, especialmente aqueles de arqueologia e etnologia, a “concepção do museu como espaço de e para o diálogo” (Pérez Gil; Portela; Freire, 2021, p. 263).

### **Pesquisa, Ensino e Extensão - A Curadoria Colaborativa no Museu Universitário**

A Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), órgão da Universidade de São Paulo (USP), organiza suas políticas no diálogo com a sociedade.

Em uma universidade pública, este papel é de grande importância pois representa justamente o elo entre a instituição e a sociedade que a mantém. Se por um lado é essencial que a universidade leve até a comunidade seus conhecimentos e preste serviços, por outro é igualmente importante criar pontes em que se permita também à sociedade se fazer ouvida pela universidade e levar até ela sua realidade, suas demandas e seu conhecimento. (USP, 2021)

Esse princípio está presente no MAE-USP por meio de projetos de pesquisa colaborativos; um deles é o que trazemos para discussão, estruturado na museologia e na comunicação museológica, tendo-se como estratégia, pelos motivos apresentados, a exposição e ação de educação denominada Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas - Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena. Os grupos indígenas participantes articulam no MAE seus discursos políticos e se relacionam diretamente com coleções sob a guarda do museu, coletadas no passado mediante critérios muitas vezes colonialistas.

Quando indagado sobre a confiança depositada na aceitação para participar da ação expográfica e educacional, o Guarani Nhandewa da Aldeia Nimuendaju, TI Araribá, Gleidson Alves Marcolino, respondeu que foi a primeira vez que eles foram procurados com uma oferta, uma exposição, em vez de uma busca de informações sobre seu povo para uma pesquisa.

A ação, que vincula participações de profissionais e indígenas num projeto expográfico e de educação, unifica em um mesmo projeto a pesquisa museológica e curatorial, o ensino e a extensão. Parece óbvio que exposição e educação museal sejam atividades de extensão, mas não somente. Já temos o entendimento de que para toda exposição e educação museal é necessária a pesquisa para os domínios teórico-metodológicos e conhecimentos a serem comunicados a públicos distintos, mas a pesquisa também pode se desenvolver durante a elaboração da exposição, dando ao processo outras características. O museu é lugar de representação, mas quando os curadores são indígenas, o museu torna-se espaço de autorrepresentação. Quando os curadores detêm os saberes inerentes aos *musealia* e, ao mesmo tempo, dominam suas culturas, curadoria de exposição e de coleções podem acontecer sucessivamente. Não há separação entre culturas indígenas e coleções indígenas, pois

tudo comprehende o mesmo universo de saberes e sociabilidade. Dizer que tudo começou e terminou com a exposição e que a requalificação foi uma etapa intermediária é igualmente verdadeiro.

É importante expor que a curadoria não tem um começo e um fim, como também a comunicação museal não é a última etapa, e a exposição seguida da educação não estão na ponta, para onde não se vai a lugar algum, exceto para a visitação dos públicos. Da mesma forma, a relação entre pesquisa e extensão pode se dar de forma mais dinâmica e intercomunicante, o que não diminui a pesquisa, tampouco a extensão; ao contrário, traz valores especiais. Nesse sentido, a metodologia da colaboração tem um papel de destaque na integração entre as atividades e na interação entre os agentes. Cabe, ainda, na perspectiva da comunicação museológica, rever e inverter os papéis de emissor (enunciador) e receptor (enunciário). Na ação no MAE, os emissores são os profissionais tanto quanto os indígenas, pois ambos elaboram enunciações, tanto quanto estão abertos à escuta do outro, a troca e a aprendizagem, dinâmica importante para que os limites do que seja fora e dentro se dilua, e os saberes tradicionais indígenas tenham lugar na universidade para serem conhecidos, mas para que os povos indígenas sejam, de fato, incluídos, seja pelos detentores de saberes, seja por alunos indígenas, ou para os ativistas que buscam no museu universitário um espaço para suas vozes, como no Museu de La Plata "*la iniciativa de María Ochoa Torres, cuyo nombre en lengua quechua es Illa Ñan, se iniciaron una serie de visitas con niños de diversas comunidades que habitan en el partido de La Plata (provincia de Buenos Aires)*" (Reca, 2021, p. 211).

O ensino também não está tão distante das participações indígenas no museu universitário. Se reconhecemos o protagonismo indígena e os saberes dos anciões, pajés, lideranças políticas, professores indígenas, homens e mulheres, e outros, os indígenas podem entrar e estar na universidade, contribuindo com o ensino a partir das suas vozes. Os exemplos que seguem são relacionados à ação colaborativa no MAE.

O Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus-USP) optou pela aula magna de abertura do ano letivo, no dia 12/08/2019, com Dirce Jorge Lipu Pereira, kujá, líder espiritual Kaingang da TI Vanuíre, e Mário de Camilo, liderança política do cacique Jazone de Camilo, Terena, Aldeia Ekeruá, TI Araribá.

As aulas abertas foram comuns entre o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGArq-MAE), o PPGMus-USP e a graduação. Foram essas as aulas:

17/09/2019 teve o tema: A cultura tradicional Guarani Nhandewa, com os palestrantes Cledinilson Alves Marcolino e Josué Marcolino, Aldeia Nimuendaju, TI Araribá.

22/10/2019 tivemos o tema: A cultura tradicional Terena em São Paulo, com os palestrantes Gerolino José Cesar e Mário de Camilo, Aldeia Ekeruá, TI Araribá.

30/04/2019 a aula aberta integrada teve o tema: A cultura tradicional Kaingang hoje, com Susilene Elias de Melo, TI Vanuíre, e Ronaldo Iaiati, TI Icatu.

9, 10 e 13/03/2020 foram três aulas abertas com os temas: O sagrado no museu – discutindo sobre remanescentes humanos: pesquisa e comunicação museológica, Museus Indígenas, Museologia Indígena – o protagonismo das mulheres em São Paulo e A mulher na preservação da cultura tradicional indígena. As palestrantes indígenas<sup>4</sup> foram – Dirce Jorge Lipu Pereira, Susilene Elias de Melo, Neusa Umbelino e Deolinda Pedro (Kaingang), Maria

<sup>4</sup> Ação do projeto "*Las mujeres cambian los museos: de la igualdad a la equidad*" da Universidad Complutense de Madrid, coordenação de Marián López Fdez. Cao.

Eunice Ribeiro da Silva e Maria Aparecida Alves (Guarani Nhandewa) e Euza Lipu, Fátima Silvério, Rosimara Marcolino Antônio Iaiati e Ediane Victor (Terena).

Os Guarani Nhandewa Vanderson Lourenço e Cledinilson Alves Marcolino, a convite da professora Fabiola Andréa Silva, participaram, em 2019, de uma aula do PPGArq-MAE da disciplina Teoria Arqueológica.

O setor de educação organizou mensalmente atividade de formação para professores da educação básica, com a presença de uma dupla de indígenas, para discutir a temática indígena na escola. Por outro lado, alunos de graduação bolsistas no MAE-USP participaram do processo expográfico e da formação para mediação na exposição, na ausência dos curadores indígenas e em respeito ao lugar da fala, grande parte da aprendizagem na colaboração.

## Considerações Finais

Este artigo se propõe a trazer para discussão a flexibilização da curadoria, a partir de elementos que questionem uma lógica fechada e sequencial. A referência foi a participação de grupos indígenas na musealização como curadores das coleções das quais são legítimos herdeiros. De outra parte, e a partir das contribuições indígenas, discutimos uma relação permeável entre pesquisa, ensino e extensão, com as contribuições de um museu universitário que privilegia o protagonismo indígena. Para a discussão, a museologia esteve à frente com a comunicação museológica, para uma reflexividade em constante construção entre a teoria museológica (Metamuseologia) e a práxis no museu (a museografia), para a qual a metodologia da colaboração reorganiza as participações e os papéis num reequilíbrio de poder, sempre presente no museu, e na tomada de decisão.

Entre tantas questões, a co-pesquisa e a co-aprendizagem fazem parte da co-musealização, processo compartilhado e para o qual os museus precisam se preparar, sempre na relação dialógica com grupos indígenas e outros, com suas lógicas respeitadas e assimiladas pelo museu. Nesse sentido, e em respeito ao protagonismo indígena, os discursos universitários e museais devem profundo respeito, antes de tudo, aos discursos indígenas que generosamente levam ao museu, sempre buscando interações estruturadas na dialógica e no respeito. Os discursos são deles no museu.

## AGRADECIMENTOS

Aos curadores Nhandewa: Claudino Marcolino, Gleyser Alves Marcolino, Creiles Marcolino da Silva Nunes, Tiago de Oliveira, Alício Honório, Claudinei de Lima, Carlos Eduardo Marcolino Honório, Carolini Carvalho Marcolino Honório, Cledinilson Alves Marcolino, Cleonice Marcolino dos Santos, Elber Cristiano da Silva, Gleidson Alves Marcolino, Jamile Marcolino, Jederson M. S. dos Santos, João Victor Pereira, Josias Marcolino, Josué Marcolino, Kessy Cristina Marcolino, Kethilin Cristina Marcolino, Larissa Marcolino da Silva, Lucas Onorio Marcolino, Maria da Glória Marcolino, Natieli Onório Cruaia, Poliana Vilialba Cesar, Samuel de Oliveira Honório, Tiago de Oliveira, Vanderson Lourenço, Vanessa Cristina Feliciano e Weriquis Onório Marcolino.

Aos curadores Terena: da Aldeia Ekeruá, TI Araribá – Jazone de Camilo, Ingracia Mendes, Alício Lipu, Admilson Felix, David da Silva Pereira, Gerolino Cézar, Afonso Lipu, Analu Lipu, Luzia Felix, Natália Lipu da Silva, Vandriele Daiane da Silva Pereira; da TI Icatu – Rodrigues Pedro, Cândido Mariano Elias, Edilene Pedro, Lícia Victor, Márcio Pedro, Ranulfo de Camillo; da TI Vanuíre – Ana Paula José, Márcio Lipu Pereira Jorge.

Aos curadores Kaingang: da TI Icatu – Ronaldo Iaiati, Adriano Cesar Campos, Deolinda Pedro, Neusa Umbelino, Maria Rita Campos, Carlos Roberto Indubrasil, Rosimeire Iaiati Indubrasil, Adriana Victor Rodrigues Campos, Amauri Pedro, Ana Paula Victor Campos, Camila Vaiti Pereira da Silva, Luiz Henrique Indubrasil, Raphael Iaiati, Roberta Iaiati Indubrasil; da TI Vanuíre – Dirce Jorge Lipu Pereira, Susilene Elias de Melo, Ena Luísa de Campos, José da Silva Barbosa de Campos, Mariza Jorge, Itauany Larissa de Melo Marcolino, Ana Carolina Jorge, Joaquim Antônio Jorge, Kauê Lucas de Melo Deodato, Luiz Fernando Jorge, Paloma Jorge e Pedro Henrique de Melo Deodato.

## DEDICATÓRIA

Dedico este artigo aos estudantes de museologia.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL (2003). Ministério da Cultura. Bases para a Política Nacional de Museus: memória e cidadania. Brasília, DF.
- BRASIL (2009). Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus. Brasília, DF.
- Colwell, C. & Lopes, R. A. (2020). Arqueologia colaborativa não é o fim. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, 34(34), 41-47.
- Cury, M. X. (2016). Relações (possíveis) museus e indígenas: em discussão uma circunstância museal. In: M. F. Lima Filho; R. Abreu; R. Athias (Org.). *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: UFPE: ABA, pp. 149-170.
- Cury, M. X. (2017). Circuitos museais para a visitação crítica: descolonização e protagonismo indígena. *Ritur Revista Iberoamericana de Turismo*, 7, 87-113.
- Cury, M. X. (2019). Museu e exposição: o exercício comunicacional da colaboração e da descolonização com indígenas. In: *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 313-348.
- Cury, M. X. (2020). Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9(17), 129-146.
- Cury, M. X. (2021). Políticas públicas museais e a promoção de programas de educação em museus: os públicos no plural. *Cadernos do CEOM*, 34(54), 183-202.
- Deliss, C. (2015). *Collecting Life's Unknowns*. In: L'INTERNATIONALE (ed.) *Decolonising Museums* [online], pp. 23-34.
- Desvallées, A. & Mairesse, F. (eds). (2013). Tradução e comentários B. B. Soares e M. X. Cury. *Conceitos-chaves de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura.
- Granato, M., Ribeiro, E. S. & Abalada, V. E. T. M. (2020). Comunicação em museus universitários: sobre a presença dos museus virtuais brasileiros na world wide web. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9(Especial), 24-53.

**Texto encomendado pelos organizadores do dossier**